

Um relato de experiência sobre a prática sistêmica com um grupo de adolescentes em situação de vulnerabilidade social

Caroline Kern da Silva¹

Bruna Larrisa Seibel²

Aline da Silva Piason³

Resumo: o presente artigo apresenta um relato de experiência sobre um grupo terapêutico de adolescentes, em uma comunidade da cidade de Cachoeirinha. O objetivo é dar apoio aos adolescentes por meio do olhar da psicologia sistêmica e social, de maneira que eles possam ter uma visão mais ampla da fase de desenvolvimento que estão, e terem um momento focado em si, auxiliando a desenvolver autonomia e autoconhecimento. Os encontros são realizados numa escola EMEF em parceria com um Instituto. Para o presente trabalho, percebeu-se necessário obter uma fundamentação teórica focada na teoria sistêmica junto à psicologia social, trazendo a fase do desenvolvimento da adolescência.

Palavras-chave: Psicologia Social; Adolescência; Psicologia Sistêmica; Grupo terapêutico;

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de descobertas, uma etapa do desenvolvimento cheia de emoções. Um processo que se caracteriza por mudanças que são, frequentemente, intensas, sejam as físicas, as sociais, as psicológicas e as cognitivas (Ferreira & Nelas 2016). O adolescente se vê como um adulto em formação, mas uma criança em seu interior.

Nesse processo há a necessidade de se expressar e sentir-se acolhido e aceito, o que torna as relações sociais, principalmente com os pares, tão importante. A adolescência envolve perdas e ganhos, e o estabelecimento de novas maneiras de pertencer, que também envolve a aceitação (Ferreira & Nelas 2016).

A psicoterapia grupal traz a interação entre os adolescentes, a ponto de fortalecer a ligação emocional entre os participantes, envolvendo-os pelo diálogo, revelando-os tanto nas semelhanças quanto nas diferenças, conseguindo, nesse sentido, que venham a atuar como agentes terapêuticos (Bechelli e Santos 2005).

¹ Estudante do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: caca.kerm@gmail.com

² Dr. Me. Psicóloga e Supervisora do estágio em psicologia: E-mail: brunaseibel@gmail.com

³ Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Cesuca. Doutora em Psicologia. E-mail: alinepiason@cesuca.edu.br

Nesse contexto, o presente artigo visa descrever um relato de experiência sobre a terapia de grupo de adolescentes realizada numa escola da cidade de Cachoeirinha.

Se trata de uma das atividades previstas para os estagiários do Estágio Profissional I, realizado em um Instituto, vinculado a uma instituição de ensino superior. Com o objetivo de desempenhar um papel de facilitador do grupo, e que os participantes possam desenvolver mais habilidades sociais e emocionais, e possam se expressar entre si.

Para a fundamentação teórica revisou os conceitos da teoria sistêmica, algumas das definições de adolescência e das necessidades básicas presentes. Também a importância da interação grupal nessa fase e o quanto um grupo terapêutico pode ser benéfico.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Ser adolescente é um momento ansioso e receoso, marcado por conflitos, dúvidas, inquietações e descobertas. Essa é a fase em que o adolescente busca sua identidade, percorrendo um período atribulado, em que nasce na família para entrar na sociedade, ou seja, é o momento em que busca trilhar seu próprio caminho. (Bitencourt et al 2021). Durante esse período, na busca por identidade, acabam sendo desencadeados questionamentos internos, referentes a si, e externos, sobre o mundo que os cerca e sociedade que está inserido. (Bitencourt et al 2021).

Através do olhar sistêmico compreendemos o indivíduo fazendo parte um sistema. Logo vemos o adolescente fazendo parte de um todo. Nesse sistema familiar, as partes afetam umas as outra e esses efeitos se repetem, o que torna os sistemas, de certo modo, previsíveis. Cada sistema tem características específicas, mas qualquer sistema é organizado por um padrão de interações recorrentes. Os padrões organizam a hierarquia do poder, definindo os caminhos que a família utiliza para tomar decisões e controlar o comportamento de seus membros. (Minuchin, Colapinto, & Minuchin 1999).

Ser membro de uma família significa compartilhar histórias, descrições, valores, relatos, da mesma forma como fazer parte de um grupo social, significa compartilhar hábitos, crenças, visão de mundo, ideologias. A isso acrescentaria que também o momento histórico em que se vive, cria determinados condicionamentos incorporados a este contexto sociofamiliar. (Osorio, 2008).

Também é importante compreender a sociedade que o adolescente está inserido, dado que suas ações externas e internas são permeadas também pelas vivências com sua família e

vizinhança. Reconhecer que sua família possui estruturas, padrões recorrentes e limites que têm significado, é crucial para o processo de intervenção (Seibel & Prati, 2020).

Assim como compreender o indivíduo de uma maneira sistêmica, devemos compreender que o adolescente necessita de interação com os pares. Quando o indivíduo começa a participar de vários grupos, está em constante dialética entre a busca da identidade individual e a necessidade de identidade grupal e social. A partir disso entende-se que o grupo traz experimentações que contribuem para que consigamos viver e nos relacionar na sociedade (Bitencourt et al 2021).

O enfoque sistêmico procura obter, por meio do contexto interativo proporcionado pelo campo grupal, relações de sentido para os padecimentos humanos que soem emergir nas fronteiras (ou zonas de fricção) interpessoais, ensejando a construção compartilhada de uma rede de significados a partir dos nós comunicacionais que vão tramando as narrativas individuais. (Osorio, 2008).

O grupo terapêutico traz uma sensação de pertencimento e ajuda a compartilhar experiências individuais, e criar experiências coletivas. Na visão sistêmica, começa-se procurando as pessoas importantes da rede familiar e aceitando as formas familiares convencionais. (Minuchin, Colapinto & Minuchin 1999).

Assim através da visão sistêmica, podemos compreender a amplitude de cada um dos indivíduos que formam esse grupo terapêutico. De maneira que compreendamos esses adolescentes como parte de um sistema familiar e social.

2 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de um relato de experiência sobre o atendimento a um grupo de adolescentes com a faixa etária entre 12 e 14 anos, em uma escola de ensino fundamental localizada no município de Cachoeirinha. Esse relato é de modelo qualitativo e tem o objetivo de descrever as atividades realizadas para o estágio profissional I, relacionando com a teoria sistêmica.

Os adolescentes presentes foram convidados a participar do grupo pela coordenação da escola, através da orientadora do Serviço de Orientação Educacional- SOE. Todos foram descritos pela orientadora tendo alguma disfunção psicológica ou dificuldades de aprendizagem. Os pais dos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e consentiram com o atendimento grupal.

Até o momento, foram realizados 10 encontros, porém o atendimento grupal finalizará em julho do ano de 2022. Houve a participação de oito adolescentes, porém apenas quatro deles compareceram na maioria das sessões.

O objetivo do grupo trata-se do desenvolvimento e aprimoramento de habilidades sociais, emocionais e psicoeducação sobre a etapa da adolescência. Também tem como objetivo proporcionar um momento de escuta e troca de experiências, e um espaço para o adolescente se expressar. Criar um espaço seguro, tendo em vista que são indivíduos em situação de vulnerabilidade social, onde muitas vezes há violência nas próprias casas.

Nos primeiros encontros, foi estabelecido vínculo e a realização dos combinados sobre regras e estratégias para o bom funcionamento do grupo. Eles trouxeram ideias como “confiança”, “respeito”, “participação”, para que o grupo pudesse se desenvolver de maneira saudável.

Nas próximas sessões houve atividades um pouco mais lúdicas. Primeiramente eles escolheram uma música que os representassem e trouxeram ao encontro. Por meio dessas músicas houve maior conhecimento sobre suas histórias. Participaram dessa sessão quatro adolescentes, nas quatro músicas percebeu-se um sentimento de incompreensão, necessidade de afeto, e indecisão sobre si mesmo. Após foi escolhido o trecho “Eu te desejo não parar tão cedo, pois toda idade tem prazer e medo”, da música do Roberto Frejat “Amor para Recomeçar”, para trabalhar sobre os seus medos e como enfrentá-los.

Com essa atividade, percebeu-se que os medos estavam ligados a opinião pública e rejeição. Eles trouxeram “medo de não agradar aos outros”, “insegurança com meu corpo”, “medo do que irão falar de mim”, “medo de falhar”, “medo de decepcionar alguém”.

Logo, em outra sessão fora realizado uma atividade em que deveriam escolher quatro qualidades de si, e escrever qualidades dos outros membros do grupo. Todos mostraram-se bem interessados em realizar a atividade, a sessão foi divertida e encorajadora para cada um deles.

Com isso, em outra sessão, foi realizado placas com a “maior” qualidade de cada um, para que quando se sentissem inseguros, ou estivessem com medo de rejeição, pudessem se fortalecer ao olhar a qualidade que estava na placa.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As sessões se mostraram de suma importância para os indivíduos, tendo em vista que os encontros se tornaram um espaço de diálogo aberto e ajuda mútua. A experiência com os pares, além do compartilhamento de vivências e ideias individuais, auxiliou para o desenvolvimento de mais habilidades sociais e emocionais dos indivíduos.

No início do grupo percebeu-se uma grande desconfiança dos participantes quanto a questão de sigilo, e o compartilhamento de suas histórias com os demais. Ao longo dos encontros, observou-se um maior envolvimento dos participantes com o grupo, trazendo com mais detalhes suas histórias, opiniões e dificuldades.

Os participantes estarem interagindo entre si, sem a necessidade das estagiárias, através de confiança e ajuda mútua, demonstra maior integração entre os adolescentes e interesse no grupo. O terapeuta tem um papel de facilitador, mas os próprios membros do grupo proporcionam condições apropriadas para a percepção e conscientização do mundo interior e exterior em que se encontram envolvidos, de modo que, possam direcionar a escolha da maneira de viver que lhes seja mais adequada e harmoniosa (Bechelli & Santos, 2005).

Em alguns encontros, percebeu-se a necessidade dos participantes por acolhimento, sendo ele físico ou verbal. Também a carência de afeto e atenção, principalmente de seus responsáveis, foi evidente desde o primeiro encontro. De maneira que as intervenções realizadas, levaram esses elementos consigo.

No grupo houve diversos temas tratados, como, relação familiar, relações sociais, identidade, sexualidade e a psicoeducação sobre emoções e sentimentos. Nas histórias dos indivíduos a violência se faz presente em diversos contextos, de maneira que cada tema foi abordado com cautela e compreensão.

Os ambientes nos quais o indivíduo se movimenta como, família, escola, grupos, e como se relaciona com outros, podendo estar vulnerável a situações adversas, exercitam a sua resiliência, sua capacidade de se colocar no lugar do outro. (Amparo et al, 2008).

Tratando-se de um grupo em situação de vulnerabilidade social, a resiliência, confiança e a atenção foram redobradas. De tal maneira, que se pôde perceber a evolução dos participantes, nos quesitos resiliência, confiança e empatia. Ao se considerar fatores de risco, tais como: condições de pobreza e empobrecimento, rupturas na família, vivência de algum tipo de violência, deve-se levar em consideração a questão da resiliência, bem como

dos fatores de proteção. Esses fatores interagem na relação dos indivíduos com o ambiente de risco tornando-os resilientes e auxiliando-os a desenvolverem sua adaptabilidade, segurança, autonomia e criatividade. (Amparo et al. 2008).

A atuação do psicólogo em grupos é de fundamental importância, pois viabiliza a elaboração psicossocial de seus participantes, fortalece sua autoestima, cria vínculos afetivos, diminui a resistência das relações interpessoais, possibilitando a expressividade dos mesmos (Moliterno et al. 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o primeiro estágio profissional é um desafio para o graduando, e realizá-lo em um ambiente comunitário é mais desafiador ainda, considerando que é menos estável em questão de ambiente. Estar aplicando a teoria na prática, realmente é gratificante, porém observar tantas histórias difíceis, e o sofrimento dos participantes, traz uma sensação de impotência, mas ao mesmo tempo vontade de apoiar como puder.

Ao decorrer dos encontros com os participantes percebeu-se a importância de estar realizando esse trabalho. A carência de atenção e afeto, de escuta e apoio foi visível, mas a evolução de cada um dos participantes em sua trajetória no grupo, foi extremamente gratificante e satisfatório.

Ser adolescente é estar em um furacão de mudanças. Fazer parte de um contexto de violência e vulnerabilidade necessita de atenção e cuidado. Destaca-se a importância da realização de iniciativas, de grupos terapêuticos, e da visão focada nesses jovens nesta situação. Desta forma, podemos nos desenvolver como sociedade, auxiliar a mudar o “mundo” de alguém. Neste caso, o “mundo” desses jovens.

REFERÊNCIAS

Amparo, D.M., Galvão, A.C.T., Alves, P. B., Brasil, K.T., & Koller, S.H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia*. (p.165-174).

Bechelli, L.P.C., Santos, M.A., (2005). O terapeuta na psicoterapia de grupo. *Rev Latino-am Enfermagem*. (p. 249-54).

Bitencourt, G.A.M., Jesus, J.A., Baeta, N.C.C.C., Cordoni, J.K., & Reato, L.F.N. (2021). Vivências em grupo com adolescentes na perspectiva da terapia ocupacional e da psicologia. *Brazilian Journal of Health Review*. Curitiba. (p. 5987-6009).

Ferreira, M., Nelas, P.B. (2006). Adolescência. Adolescentes. *Educação ciência e Tecnologia*. (p.141-161).

Osorio, L.C (2008) *Grupoterapias: abordagens atuais*. Artmed.

Minuchin P., Colapinto, J. & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com Famílias Pobres*. Artes Médicas.

Moliterno, I.M., Vieira, J.B.S., Araújo, L.K.O., Caldas, L.F.N., Mello, M.K.P.M.G & Júnior, J.R.R. (2012). A Atuação do Psicólogo com Grupos Terapêuticos. *Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde Fits*. (p.95-98).

Seibel, B.L., Prati, L.E., (2020). O Conceito do Ciclo Vital Aplicado a Famílias em Situação de Vulnerabilidade Social. In Mendes, J.A.A., Maluschke, J.B.N.F.B. (Eds). *Perspectiva Sistêmica e Práticas em Psicologia*. (p.139-164). Editoria CRV.

Senna, M., Carmo, S.R., Auxiliadora, D.M. (2015). Reflexões sobre a saúde do Adolescente Brasileiro. *Psicologia saúde e doenças*. (p.223-235).